

A GEOGRAFIA DO SÉCULO XVIII E CONTRIBUIÇÃO DO LEGADO DE J.R. E J.G FORSTER PARA A EVOLUÇÃO DA CIÊNCIA GEOGRÁFICA MODERNA

Área temática: Teoría, historia y metodología de la Geografía

Adélia Aparecida de Souza Haracenko.

Universidade Estadual de Maringá - UEM - Paraná - Brasil.

haracenko@gmail.com

Anderson de Vito.

Universidade Estadual de Maringá - UEM - Paraná - Brasil.

anderson_de_vito@hotmail.com

O presente ensaio é resultado de uma pesquisa, cujo objetivo é o entendimento do desenvolvimento da geografia enquanto ciência no século XVIII, a partir da contribuição dos trabalhos de pesquisa realizados por Johann Reinhold Forster (1729-1798) e Johann Georg Adam Forster (1754-1794) pai e filho respectivamente e, seus legados científicos para a evolução do pensamento geográfico. Vivendo em um período considerado como o início da moderna ciência geográfica, o trabalho desses dois geógrafos - que embora ficando completamente à parte das duas escolas de pensamento vigentes na época; a Político-Estatística e a *Reine* Geografia, ou também denominada de escola de Geografia Pura - traz brilhante contribuição ao futuro do progresso científico da geografia. Sendo J. R. Forster geógrafo de formação e, recebendo todo o legado de seus antecessores, sua obra vai ser considerada o ponto fundamental da geografia moderna. Embora trabalhando do ponto de vista prático empírico, estabeleceu como sendo objeto da geografia o estudo da superfície terrestre e como método de entendimento desse processo a comparação. Além do cuidado dispensado a este método científico, do qual deriva a descrição e a explicação como sendo categorias analíticas da paisagem, teve importante contribuição àquilo que seria a geografia humana, quando reconheceu a estreita relação entre o homem e o meio que o cerca. Daí então é considerado um dos sistematizadores da geografia, bem como, o primeiro metodologista da ciência geográfica moderna. Por sua vez, J. G. Forster, seu filho, que o acompanhou em suas viagens de pesquisa desde pequeno, não vai ter a mesma notoriedade em termos de “inovação” à geografia que por ora estava no alvorecer. Fato contraditório é que durante sua vida foi intelectualmente mais respeitado que seu pai, caso este que está associado primeiramente a sua personalidade, considerada mais acessível que a de seu pai, igualmente, pelo destaque que tinha em sua eficiência literária e evidentemente pela amizade compartilhada com Alexander Humboldt, o qual jamais deixou de dispensar ao amigo, gratidões sinceras. No que concerne a metodologia utilizada para a realização desta pesquisa, estamos trabalhando com levantamentos de referenciais que abordam a história do desenvolvimento da geografia, igualmente, com os que trazem as contribuições dos sujeitos pesquisados. A análise desse material, tem nos permitido compreender o que eles pesquisavam e como pensavam a geografia. Como resultado, pretendemos contribuir através desta pesquisa, deixando como legado o estudo da contribuição desses geógrafos a este precioso ramo da ciência que é o conhecimento geográfico.

Palavras chaves: Geografia do século XVIII. Forster. Contribuição à Geografia Moderna.

Introdução

Este texto é resultado de um projeto de pesquisa de iniciação científica o qual tem como objetivo o entendimento do desenvolvimento da geografia enquanto ciência moderna no século XVIII. Ao nos debruçarmos nesse processo, temos como foco os trabalhos de pesquisa feitos por Johann Reinhold Forster (1729-1798) e Johann Georg Adam Forster (1754-1794) pai e filho respectivamente e, seus legados científicos para a evolução do pensamento geográfico moderno.

Dito isto, avaliamos que os caminhos que esta área do conhecimento percorreu, para tornar-se um dos grandes ramos da ciência moderna, cujas ações, desde os primórdios contribuíram para o desenvolvimento e para a transformação das sociedades em todo canto do planeta, esteve ligado aos demais caminhos trilhados pela ciência de maneira geral, portanto, no contexto estudado - século XVIII - torna-se ainda difícil separar os estudos geográficos dos demais ramos do conhecimento científico. A visão holística do conhecimento ainda tinha certo privilégio.

No que diz respeito a geografia, ressaltamos que daquele contexto de pensamento de construção da base da geografia moderna, muitos geógrafos, por uma série de razões peculiares tiveram destaque e são estudados com maior visibilidade na atualidade, outros tem seus trabalhos vistos e estudados de maneira mais modesta pela comunidade científica contemporânea. Portanto, neste trabalho de pesquisa temos procurado dar ênfase e percorrer os caminhos trilhados pelos Forsters no século XVIII, procurando retornar ao contexto em que viviam e que pesquisavam para daí entender o legado que deixaram à geografia contemporânea.

Como procedimento metodológico para a realização desta pesquisa cabe a ressalva que ela é extremamente teórica, por isso, está sendo desenvolvida primeiramente e essencialmente a partir de levantamentos bibliográficos. Assim, estamos trabalhando com a revisão desse referencial teórico, todavia, “estamos sempre na corda bamba” correndo o risco de deixarmos nossa subjetividade fluir. Quando a subjetividade fala, procuramos sempre tomarmos cuidado em nossas análises, porque ela é sempre a visão do outro sobre o algo que alguém fez ou escreveu. Mas este é o propósito do avanço do conhecimento, fazermos as interpretações do passado para seguirmos entendendo o futuro. Para esse texto, em termos de arranjo metodológico procuramos utilizar a mesma estrutura de compreensão da pesquisa realizada, partirmos dos referenciais históricos e teóricos sobre os geógrafos estudados que nos levam a compreensão do legado deles para a geografia.

Desta maneira, este ensaio está organizado da seguinte maneira, no item primeiro contextualizamos o conhecimento geográfico praticado no século XVIII. No segundo item, procuramos abordar aspectos da vida e da obra dos Forsters e por fim, no terceiro item, discutimos o legado que esses geógrafos deram à formação da geografia moderna, tomando a responsabilidade de afirmar que são não somente precursores da geografia, mas, diante da maneira como desenvolveram seus estudos, empregando o método científico fazem parte - no conjunto com outros geógrafos - dos fundadores do que seria a geografia contemporânea.

1 - Aspectos da geografia praticada no século XVIII

Debruçar sobre os estudos da história da evolução da ciência geográfica é compreender profundamente que esta é realmente uma ciência especial, pelo caráter de surpresas que podemos ter em cada descoberta que fazemos. Uma de nossas preocupações no ato da pesquisa desse tema e das ideias dos geógrafos aqui colocadas foi, o fato de sempre encontrarmos - enquanto estudantes - o início da Geografia Moderna, ou científica, tendo como marco as figuras de alguns geógrafos importantes e conhecidos da Escola Alemã e da Escola Francesa de Geografia nascidos na metade do século XVIII, entre eles Alexander von Humboldt, Karl Ritter, Vidal de La Blache e muitos outros que realmente dedicaram-se aos estudos do que viria a ser a Geografia.

Como a história da ciência é também feita pelos fatos acontecidos nas relações humanas, muitos outros pensadores da Geografia, que à ela deram grandes contribuições, não são tão reconhecidos o quanto deveriam e são chamados apenas de precursores e, em muitos casos, não

entram nos debates acadêmicos - com a devida importância - seus legados e contribuições. Diante disto Quaini (1992), nos esclarece que quando se trata dos estudos da história da geografia, prevaleceram por muito tempo as preocupações que estavam diretamente ligadas ao caráter ideológico-corporativo em detrimento daquelas de caráter científico. Desta maneira, o caminho mais fácil foi seguido, que foi o de datar o início da geografia dita moderna, no momento que se promoveu as Sociedades de Geografia e também da institucionalização dos estudos universitários. Quaini (1992, p. 15) complementa dizendo que:

Toda história anterior é de modo geral vista como história de *precursores* da geografia moderna, que, por sua vez, é quase sempre identificada com a geografia oficial ou dominante ou, então, com a visão que, mais ou menos acriticamente, todo geógrafo tem da disciplina que pratica. Os limites desta concepção são evidentes: não só pelo uso da noção de “precursores” – da qual foi justamente dito que “nada teve na história uma influência mais nefasta: considerar alguém como precursor de outro significa, seguramente, impedir-se de conhecê-lo (Koyré)¹ – mas, também, pela idéia de uma evolução linear e progressista de cunho positivista e principalmente por uma visão da história do pensamento geográfico que exclui a maior parte dos fatores extralógicos (principalmente aquelas não redutíveis ao momento estritamente institucional ou, para a fase pré-universitária, à ampliação do horizonte geográfico em consequência das explorações) e que se revela, portanto, incapaz de restituir teorias, métodos, idéias ao seu contexto científico-cultural e principalmente social mais amplo.

Este excerto da obra de Quaini (1992), para nós, no momento de nossos estudos sobre os dois geógrafos aqui estudados, veio a calhar com nossos pensamentos de que realmente não damos o merecido reconhecimento a muitos fundadores da geografia. Dizemos isto, no sentido restrito da descoberta que fizemos em relação a Johann Reinhold Forster, que em suas pesquisas já havia estabelecido um objeto de estudo para a geografia - o estudo da superfície terrestre - e também já fazia uso do método comparativo. Um objeto de estudo e um método para o seu entendimento, são pilares de formação de uma disciplina científica, esses elementos já haviam sido utilizados por Forster pai, todavia, o seu uso e aperfeiçoamento foi atribuído com maior ênfase somente a outros geógrafos, que vieram posteriormente.

Dito isto, reportemo-nos ao século XVIII, para compreender o contexto ali vivenciado referente ao conhecimento científico. Devido este, estar em constate processo de transformação, tendenciamos a uma periodização, isto facilitará a compreensão esquemática das idéias no ato de nossa exposição, embora saibamos que estabelecer limites para os fatos históricos, nem sempre é uma tarefa fácil, pois de acordo com Andrade (2006), as transformações e, por conseguinte, as mudanças que ocorreram e ocorrem na geografia se processam vagarosamente, e isto, faz com que em uma mesma fase há autores que participaram através de suas pesquisas de períodos que se sucedem.

O século XVIII² é considerado o século das transformações no que concerne ao desenvolvimento da ciência moderna geral e da geografia em particular. Os dogmas e as crenças

¹ KOYRÉ, A. **Dal mondo del pressappoco all’universo dela precisione**. Turim: Einaudi, 1967.

² A geografia sempre esteve diretamente ligada nas necessidades dos conhecimentos dos homens em relação aos lugares que estes viveram, nos mais variados lugares do planeta. Tanto é que anteriormente ao século XVII, - no mundo antigo - a expansão dos conhecimentos geográficos esteve diretamente ligada a três fatores: as explorações que permitiu o conhecimento de vários lugares da terra; a elaboração dos mapas das áreas até então conhecidas e o estudo do material arrecadado naquele período. Os povos gregos e romanos se destacam nesse período. Entre os gregos, o destaque vai para um geógrafo regional, Estrabão (63 a.C. – 36 d.C.), o qual escreveu uma obra em 17 volumes, intitulado “Geografia”. Foi o primeiro a utilizar este termo, e foi responsável pela organização de todo o conhecimento geográfico obtido na época. Sua peculiar frase nos chama atenção na atualidade, pelo detalhamento que faz sobre o que é a geografia, Tatham (1959, p. 199), referindo-se a Estrabão, diz: “Para ele, a geografia não era apenas um adjutório nas tarefas governamentais, tinha importância individual porque ‘nos familiariza com os habitantes da terra e do mar, com a vegetação, frutas e peculiaridades dos vários pontos da terra, tornando aqueles que a cultivam homens que levam a sério os grandes problemas da vida e da felicidade’”. Na Idade Média, os avanços no conhecimento geográfico está ligado a reorganização do espaço conhecido até aquele momento, para isto os povos árabes e os povos nórdicos, deram sua

que foram instituídos pela igreja nos séculos anteriores dá lugar aos preceitos do conhecimento científico e gradativamente foi substituído pela observação e experimentação dos objetos da realidade e o homem procurava dominar a natureza para que, a partir disso, os recursos por ela oferecidos pudessem ser voltados aos seus interesses de prosperidade.

Tendo como base o desenvolvimento do modo capitalista de produção, ganha força a expansão da exploração de recursos naturais necessários ao tal desenvolvimento, com isso o poder de uma classe - a burguesia - aumentava conforme as condições de enriquecimento era facilitada, tanto que, Ruy Moreira (2008, p. 13) diz: “A Geografia moderna nasce como um projeto da revolução burguesa”.

Nesse contexto, a Europa, detentora de uma civilização com maior dinamismo e possuidora de tecnologias mais avançadas lança seu poderio de influência econômica, política e militar aos demais continentes. A referida burguesia, já enriquecida com o desenvolvimento do comércio, intensifica suas relações com outros povos e, associada a um grupo de camponeses, aos radicais e também com a população na rua, destrói a secular monarquia francesa. É instaurada então, a Revolução Francesa, a qual causou mudanças culturais e administrativas que se estendem para outros países da Europa. Atrelada a este contexto, está a Revolução Industrial, que vai fazer a mudança nos padrões de vida do homem vivente nesse século.

Evidentemente, o interesse dos europeus nos demais lugares do planeta estimulou o desenvolvimento das navegações, da cartografia e estimulou os exploradores nas suas buscas constantes dos mais preciosos elementos que as sociedades com suas diferentes culturas podem oferecer, indo tanto das buscas das riquezas materiais quanto da riqueza que conhecimento pode proporcionar, logo, as sociedades de exploração geográficas são estabelecidas. Sobre este contexto, Andrade (2006, p.72) diz que:

Na segunda metade do século XVIII as ciências naturais, como a Física, a Química, a Biologia, a Botânica, a Zoologia, a Astronomia, desenvolveram-se com repercussões na Geografia. O poder da igreja e o respeito às crenças tradicionais geraram certa luta entre a ciência e a religião, e as idéias e os princípios finalistas e teleológicos começaram a perder terreno. O iluminismo seria vagarosamente substituído pelo racionalismo burguês. Os filósofos puseram-se a questionar problemas e crenças e a formular as bases de novas ciências - as sociais - que se desenvolveriam no século XIX.

No que diz respeito ao desenvolvimento dos estudos geográficos no século XVIII, Tatham (1959) afirma que nele não houve nenhum grande progresso no que se pode chamar de geografia científica, entretanto, vamos perceber no decorrer dos assuntos seguintes - embora haja essa

contribuição, estando na linha de frente do desenvolvimento do conhecimento, o comércio e as navegações. As grandes viagens na Idade Média permitiram o conhecimento de novos lugares e o desenvolvimento da cartografia. Cabe ressaltar que segundo Andrade (2006), se fizermos um balanço do avanço do conhecimento geográfico, realizado na Idade Média, este sofreu uma descontinuidade em relação aquele que era produzido na Idade Antiga. Isto se deu pelo fato das grandes conturbações ocorridas no século V e VI com a destruição do Império Romano do Ocidente. Todavia, com o surgimento de novas estruturas e a interferência dos povos árabes esses estudos voltaram ao auge, tendo como pressupostos os ensinamentos dos sábios gregos. Nos fins da Idade Média e no alvorecer dos Tempos Modernos, séculos XIII e XIV o comércio ganha maior desenvolvimento e o Modo Capitalista de Produção já está em pleno desenvolvimento. Daí o grande avanço nos conhecimentos ditos geográficos foi, sem dúvida, a expansão do espaço conhecido, a dominação da configuração do planeta e sem dúvida a rejeição das crenças e ideias pregadas pela igreja anteriormente. Quando o século XVII chega, os conhecimentos geográficos até então esparsos e ligados a outros ramos do conhecimento ganham um veio geográfico, começam aparecer no cenário da época aqueles que a literatura geográfica vai chamar de precursores da geografia científica moderna. Entre estes, o destaque dado vai para Cluverius um escritor alemão que teve sua obra intitulada: Introdução a Geografia Universal, publicada postumamente em 1626, e para Bernardo Varenius, um médico holandês que viveu na primeira metade do século XVII e que apesar de viver apenas 28 anos, deixou a obra Geografia Geral, publicada em 1650. Obra esta de extrema importância no desenvolvimento do pensamento geográfico. Os trabalhos escritos anteriormente a estas obras, representavam compilações de dados velhos e novos, então, estas duas obras representou um novo estilo de se fazer e escrever sobre a geografia, elas, também vão marcar o término do período de transição da era medieval e o princípio do período moderno. Assim, o século seguinte, o XVIII, vai conhecer o desenvolvimento das ciências em geral e da geografia como consequência. (TATHAM, 1959; ANDRADE, 2006).

afirmação desse autor, em um importante texto dos idos de 1959 intitulado: A geografia no século dezenove - que há nesse ramo do conhecimento científico um verdadeiro avanço, visto que os elementos constituintes da base científica da geografia moderna são sistematizados em meados desse século.

Para este autor “Foi essa a época em que a quantidade de conhecimentos empíricos, acumulada em grande parte sob a orientação das academias científicas, foi organizada em linhas sistemáticas” (TATHAM, 1959, p. 202). Desta maneira, esse século vê grandes avanços nos estudos relacionados a meteorologia, também ao estudo da estrutura das montanhas e das geleiras, incluindo o clima e vegetação das mesmas.

A biologia e a botânica também se deparam com os avanços em seus estudos, a primeira se depara com a melhoria no desenvolvimento do microscópio, possibilitando novos horizontes no setor dos estudos biológicos. A segunda tem um grande avanço quando em 1735, Linnaeus publica seu estudo sobre a classificação das plantas. Igualmente a zoologia avança em seus conhecimentos, com a obra História Natural dos Animais do naturalista Buffon (1707-1788).

Nota-se, sobretudo, o progresso ligado às ciências naturais, e nesse contexto, diz Tatham (1959, p. 202): “De maior importância imediata para a geografia foi o trabalho de Anchenwall (1748) e Süssmilch (1747) sobre o estudo estatístico da população, e de Montesquieu e Herder que chamaram a atenção relativamente aos efeitos da natureza sobre o homem. Essa expansão do conhecimento, sem precedentes, preparou o terreno para novo avanço da geografia”.

Esses estudos realizados nessas áreas, concernentes a natureza dos fenômenos físicos e biológicos permitiram, na metade do século XVIII, descrições com maior rigor científico, algo que não era feito nos séculos anteriores. Essas descrições possibilitaram um maior e melhor detalhamento da superfície terrestre e também se tornou urgente e necessário a discussão referente a posição do homem em face da natureza.

Logo, todos esses fatos em acontecimento no campo do descobrimento fizeram reaparecer o interesse pela geografia, que passa a ter uma posição de maior destaque, visto que nos séculos anteriores, o que havia prevalecido era a sua posição utilitária. Assim, segundo Tatham (1959, p. 202): “A geografia tinha apenas valor pelo esclarecimento que dava aos fatos históricos, ou pela sua ajuda com relação à ciência governamental. [...] Agora em confronto com tarefas novas e um número cada vez de matéria sobre o assunto, as amarras que a restringiam à história foram cortadas. A geografia tomou o seu lugar de direito como ciência independente”[...].

A conquista dessa independência se deve ao trabalho dos cientistas alemães e nos 150 anos seguintes a geografia tinha uma quase exclusividade germânica. Os primeiros estudos geográficos ditos modernos eram descritivos, com exceção de poucos, grande parte dos estudiosos desse período, descrevia a natureza considerando seus elementos individualmente e de maneira isolada. Desta maneira as unidades políticas foram a base para as descrições regionais.

Contudo, juntando os trabalhos que já haviam sido desenvolvidos anteriormente sobre população e estatística, com as descrições regionais das unidades políticas, tem-se então a escola político - estatística que vai aperfeiçoar a arte da descrição regional, porém a no século XVIII o problema da fragmentação da Alemanha dominava os intelectuais. Nesse contexto surge também, aqueles geógrafos que não se ajustaram com aqueles da escola político - estatística, alguns o renegaram e outros incorporaram nesses estudos também as fronteiras naturais das regiões, dando início a escola de geografia pura. Referindo-se a estas duas escolas, Moreira (2009, p. 15) diz que:

O tema de ambas é o problema da extrema fragmentação da Alemanha em inúmeros principados e os critérios de fronteira e unificação do território numa única Alemanha, que domina a atenção da intelectualidade teutônica no momento. A escola político-estatística vê o problema da fronteira a partir do critério dos marcos políticos; a escola da geografia pura o vê a partir do critério dos marcos físicos.

Dito isto a despeito do conhecimento geográfico praticado no século XVIII, dois estudiosos dessa área tem nos chamado atenção pelos seus estudos dedicados àquilo que seria posteriormente a geografia moderna. Estando completamente a parte das duas escolas anteriormente citadas estão as

figuras dos Forsters, os quais - embora dando uma brilhante contribuição à geografia - não tem seus nomes difundidos na história do pensamento geográfico, ao menos não, em termos de Brasil. A isso, dedicamos este ensaio.

2 - A vida e a obra de Johann Reinhold Forster e Johann Georg Adam Forster

Johann Reinhold Forster nasceu em 22 de outubro do ano de 1729 na cidade de *Tczew* (*Dirschau*³) localizada ao sul de *Gdańsk* (*Danzig*), ambas nas margens do rio *Motława* sendo esta última uma cidade portuária situada nas bordas do mar Báltico, na Polônia. Era filho de Georg Reinhold Forster, descendente da antiga família dos *Lords Forrester* da Escócia. Em sua infância, tinha facilidade no aprendizado de línguas, visto a proximidade que tinha com as várias culturas, pois a cidade onde nasceu, na época, fazia parte do antigo território da Prússia.

Na sua juventude foi educado na escola *Joachimsthal-Gymnasium* em Berlim, lá estudou história natural e línguas e, na Universidade de *Halle an der Saale* na Alemanha, onde completou seus estudos em teologia em 1751. Nesse período ele retorna para *Gdańsk* e lá torna-se um aprendiz de pastor. Em 1753 já como pastor protestante luterano, muda-se para *Nassenhuben* (*Mokry Dwór*) e inicia suas leituras estudando história natural, linguagem e história antiga.

Em 1754, nesta mesma cidade ele casou-se com sua prima Justine Elisabeth Nicolai, que neste mesmo ano deu à luz a Johann Georg Adam Forster, sendo o primeiro dos setes filhos do casal. J.R. Forster sendo um entusiasta das ciências, tinha uma vasta coleção de livros e durante a infância de seu filho o ensinou história natural, latim e grego (IREDALE, 1966).

Segundo Thomas (1996), insatisfeito com o seu trabalho pastoral e com a baixa remuneração que lhe era dada, em 1765 Forster, aceitou o convite da imperatriz Catarina da Rússia para realizar um trabalho de pesquisa com a finalidade de investigar a região de *Saratov* na Rússia e a condição dos colonos nas áreas das colônias alemãs nos arredores do rio Volga. Neste trabalho foi acompanhado de seu jovem filho, na função de assistente.

O trabalho de Forster neste estudo foi crítico para o planejamento e a administração das colônias germânicas naquela região, entretanto, por diversos motivos ligados à política administrativa, sua pesquisa não teve o resultado esperado para o governo Russo e por isso não foi remunerado. Diante disto, pai e filho viajam para Inglaterra em 1766, sem sucesso e recompensa.

Cabe ressaltar que durante o tempo que permaneceu na Rússia, sua licença de pastor na Prússia chega ao fim. Deduzimos pelas leituras realizadas até o momento, que não aclaram o fato específico de sua ida à Inglaterra que isto contribuiu ainda mais para a sua partida.

Estando lá, Iredale (1966), afirma que ele lecionou na *Dissenters' Academy at Warrington* ensinando línguas e história natural. Em seguida mudou-se para Londres onde era conhecido como historiador natural e tornou-se membro da *Society of Antiquaries of London*, em 1771.

Em Londres publicou um dos primeiros catálogos sobre a fauna da América do Norte, intitulado: *Catalogue of the Animals of North America*, também publicou as obras *Philosophical Transactions* e, *An account of the Birds sent from Hudson's Bay, with observations relative to their natural history*.

Em 1772 Forster foi convidado para participar da segunda circunavegação acompanhando o Capitão James Cook (1728-1779). Forster lhe faz um pedido, o de levar seu filho Georg como assistente e relator da viagem e em julho deste mesmo ano, pai e filho embarcam na caravela denominada *Resolution* e saem da cidade portuária de *Plymouth*, localizada a sudoeste da Inglaterra em direção ao Atlântico Sul, depois para o Oceano Índico, águas da Antártida, ilhas da Polinésia e, finalmente para a Cidade do Cabo na África do Sul.

De acordo com Iredale (1966), nesta cidade conheceu Andreas Sparrman (1748-1820), um aluno de Lineu (1707-1778), que estava explorando a história natural da África do Sul e o convenceu a embarcar na viagem como assistente. No período que durou a viagem os Forster e

³ Dirchau e Danzing são nomes alemães dados a estas cidades.

Cook exploraram lugares como: a Nova Zelândia, as ilhas de Tonga, Nova Caledônia, as Ilhas Marquesas e a Ilha de Páscoa.

Essa viagem chegou a mais baixa latitude ao sul alcançada e, até então e foi um feito para a época, pois confirmava a teoria de Cook de que havia um grande continente habitável no hemisfério Sul. Pai e filho registraram com riqueza de detalhes tudo o que viram na viagem através de diários e relatórios e, também trouxeram vários materiais como amostras de plantas, itens históricos, etnográficos e naturais, e muitos desenhos e retratos - são estimados cerca de 600 desenhos - feitos pelo filho de toda a viagem. Todo esse material adquirido com a viagem ajudou e se tornou base para todas suas publicações seguintes.

Algumas referências salientam que dos 1100 dias de viagem, apenas 200 teriam sido dedicados para investigação terrestre, mesmo assim, os Forsters fizeram feitos memoráveis. Pai e filho juntos exploraram regiões e civilizações que até então nunca tinham tido nenhum tipo de contato com o homem europeu. Foram responsáveis pelo descobrimento e registro de várias plantas e animais até então nunca vistos. Um destes descobrimentos foi uma planta registrada por eles que posteriormente foi lhe dado o nome em homenagem a eles, trata-se do gênero *Fosteria*⁴ da família *Stylidiaceae*. Igualmente importante, são os desenhos feito por Georg, os quais foram modelos para todos os pesquisadores e escritores que lhes sucederam.

Nos escritos de Iredale (1966) ele nos traz como informação que em 30 de julho de 1775 o *Resolution* retorna para a Inglaterra. Forster pai descobre que o governo inglês não tinha grandes motivações para a publicação dos resultados do seu trabalho. Então, ele afirma que o Almirantado havia concordado com que Forster escrevesse o relatório da viagem compartilhando 50% dos lucros com Cook. O Almirantado nega a afirmação e diz que Forster havia sido contratado apenas como colecionador. Depois que o trabalho para a elaboração do relatório de viagem oficial tinha sido revogado, Forster fica arruinado financeiramente, sendo obrigado a vender diversas pinturas de seu filho, espécimes de sua coleção e, vários de seus livros. O autor acima citado também afirma que ao contrário das expectativas, seu filho decide compor e trabalhar em nome de seu pai, munido dos diários de seu pai e mais as suas próprias observações. Assim, em 1778 Forster filho publica em nome de seu pai sua primeira versão das observações feitas na viagem com o título: *Observations made during a voyage round the world*.

Em novembro de 1779, já em sua maturidade Forster pai foi nomeado professor de história natural e mineralogia na universidade de Halle - atual *Martin Luther University of Halle-Wittenberg* -, na cidade alemã de *Halle an der Saale*, onde permaneceu até sua morte em 1798. Entre suas principais obras, estão as intituladas: *Characteres generum plantarum quas in itinere ad insulas maris australis collegerunt, descripserunt, delinearunt, annis 1772-1775 (Caractères des plantes australes)*, (1776); *Observations made during a voyage round the world* (1778) e *Geschichte der Entdeckungen und Schiffahrten im Norden* (1784). Com esses trabalhos, Johann Reinhold Forster contribuiu sobremaneira para a descrição de vários lugares do mundo conhecido até então, de igual maneira, fundou as bases de várias futuras ciências ditas modernas, entre elas a geografia.

Dito isto sobre o Forster pai, abordaremos doravante sobre Johann Georg Adam Forster. Este nasceu em 27 de novembro de 1754 em *Nassenhuben* um vilarejo perto de *Danzig* na atual Polônia, como dissemos anteriormente foi o filho mais velho de Johann Reinhold Forster e Justine Elisabeth Nicolai. Em sua infância, por incentivo do pai, sempre foi muito estudioso, tinha interesse por línguas, historia natural e um talento para desenhos e pinturas. Por volta dos dez anos de idade em 1765, realizou seu primeiro feito fazendo sua primeira viagem científica para *Saratov* uma colônia alemã ao redor do rio Volga. Nesta viagem, Georg, embora sendo ainda uma criança, estava na função de assistente de seu pai e participou de estudos cartográficos e de solos e, ali também teve a oportunidade de aprender o idioma russo. A partir do momento que mudaram para Inglaterra, em 1766, no ano seguinte em 1767, Georg, mesmo muito jovem publicou seu primeiro livro, que foi

⁴ 'Forstera' é um gênero de pequenas plantas perenes da família Stylidiaceae, denominada assim em homenagem aos naturalistas alemães Johann Reinhold Forster e seu filho, Georg Adam Forster. Esse gênero é composto por quatro espécies endêmicas na Nova Zelândia e uma endêmica na Tasmânia. Informação extraída de The Plant List: A working list of all plant species. Disponível em <<http://www.theplantlist.org/browse/A/Stylidiaceae/Forstera/>>

um trabalho de tradução do russo para o inglês de uma obra de Mikhail Lomonosov, um cientista russo que viveu de 1711 a 1765. Segundo Bodi, (1966) desde os 12 anos de idade, Georg traduzia livros franceses, suecos e russo para a língua inglesa e alemã. Tendo essa facilidade com idiomas, por algum tempo, mesmo sendo um adolescente teve como ofício o ensino de línguas.

Já é de nosso conhecimento que em 1772 pai e filho participaram da segunda circunavegação ao lado do capitão James Cook. Nesta viagem, que foi uma das mais importantes da vida deles em termos de coleta de materiais e de descobertas científicas, Johann Georg, mais uma vez estava na função de assistente e trabalhava junto ao seu pai nas pesquisas como desenhista de plantas e animais, além de escrever os próprios relatos. Porém, Georg começa demonstrar seus verdadeiros interesses para os assuntos ligados à geografia e a etnologia comparada. Nesta viagem aprendeu rapidamente as línguas faladas nas Ilhas Polinésias, e seus escritos sobre os polinésios foi um ótimo trabalho sobre etnologia, demonstrando seu esforço para conhecer e entender os habitantes das ilhas dos mares do sul. Detalhe importante a ser ressaltado sobre a personalidade de Georg, demonstrado nas referências sobre sua vida é que em suas viagens sempre tratava os nativos com simpatia e sem preconceitos ocidentais.

Em 1775 quando retornaram para a Inglaterra, chegando lá seu pai teve uma desavença com o Almirantado britânico, e o relatório da viagem que seria publicado recebe uma censura, então a obra não é publicada imediatamente e seu pai se vê em apuros financeiros. Segundo Toprak e Köseoğlu (2012), diante dessa situação, que causou um grande desconforto ao seu pai, Georg ficou comovido com a frustração dele e, decide trabalhar em seu nome na composição do livro que relatava a viagem. Para a construção do livro, Georg fez uso dos diários de seu pai, seus próprios escritos, e cerca de 600 desenhos. Os mesmos autores afirmam ainda que Georg teve a oportunidade de observar os diários de Cook, mas preferiu não utilizá-los, pois, o trabalho de Cook era subjetivamente focado nos detalhes sobre os nativos e não puderam ser correlacionados com a perspectiva filosófica que ele tinha em relação aos mesmos.

Em sua maneira de pensar, ele analisava e escrevia, sobre a sua cultura desses povos, livre dos preconceitos que era peculiar aos olhos do homem europeu às novas culturas. Também importante destacar é que para ele o desenvolvimento de uma cultura estava baseado nas condições naturais, climáticas e também da posição geográfica. Essas condições da natureza eram fundamentais e influenciavam de maneira direta a cultura dos homens tanto de uma forma positiva quanto negativa, e com isso considera o indivíduo produto do seu meio tanto no sentido físico quanto cultural.

Assim em 1777 Georg publica em nome de seu pai sua primeira versão das observações feitas na viagem tendo essa obra o título: *Observations made during a voyage round the world*. Sobre essa obra Toprak e Köseoğlu (2012) afirmam que Forsters - aqui colocado em conjunto visto que a obra torna-se um produto de ambos - de modo crítico comparam os diversos povos que visitaram nesta viagem com relação aos povos europeus. Estas comparações foram baseadas na estrutura social, relações, religião, tradições, idiomas e aspectos culturais. Os autores ainda dizem que, Georg conclui que as nações do mundo não diferem entre si em termos de estrutura, mas as diferenças a partir de um indivíduo para o outro está associada com a capacidade das pessoas em sobreviver em qualquer ambiente, em qualquer circunstância. Bodi (1966) afirma que os seus méritos científicos e literários fizeram com que esta publicação fosse um dos mais populares livros de viagem da época.

Em 1777 torna-se membro da *Royal Society* e em 1778 vai para a Alemanha onde foi nomeado professor de história natural no *Collegium Carolinum*, em *Kassel*, que se tornou posteriormente a universidade de *Kassel*. Georg visitava com frequência a universidade de *Göttingen*, lá conheceu Therese Heyne sua futura esposa que era filha do influente filósofo Christian Gottlob Heyne. Em 1784 aceita ser titular da cadeira de professor de história natural na universidade de *Vilnius* - atual capital da Lituânia - e, em 1785 casou-se com Therese Heyne. Georg não estava satisfeito com seu trabalho nesta universidade e, um dos motivos seria a falta de uma biblioteca bem equipada e estrutura para pesquisa. Depois de morar alguns anos por lá decide renunciar seu cargo e parte para *Mainz* (BODI, 1966).

Na universidade de *Mainz*, torna-se chefe bibliotecário, cargo esse, que foi ocupado estrategicamente por Georg, tendo em vista sua paixão por livros e também, na época, a biblioteca da universidade de *Mainz* ser uma das mais completas. Durante esse tempo como bibliotecário Forster publicou regularmente ensaios e traduções de livros.

Na primavera de 1790 em *Mainz*, ele se comprometeu a ir em uma expedição científica junto de Alexander von Humboldt para o Baixo Reno. Depois dessa viagem, o resultado dela foi a obra em três volumes com o título: *Ansichten vom Niederrhein, von Brabant, Flandern, Holanda, Inglaterra und Frankreich im abril de Mai und Juni 1790* cuja tradução é “Vistas do Baixo Reno, de Brabant, Flanders, Holanda, Inglaterra, e França em abril, maio e junho de 1790”, publicada pela primeira vez em 1791. Algumas referências trazem a informação de que foi com Georg Forster que Alexander Humboldt iniciou suas viagens exploratórias. Ainda sobre a viagem com Humboldt, Kohlhepp (2006), completa dizendo que essa viagem de 1790 pela Holanda, Inglaterra e França ajudou Humboldt a treinar sua capacidade de observação.

Segundo Bodi (1966) quando *Mainz* foi tomada pelas tropas da Republica Francesa em 1792 Georg entra para o Clube dos Jacobinos, logo depois torna-se presidente do clube. Neste tempo foi um funcionário de alto escalão na administração provisória de *Mainz* e editor de um jornal considerado na época como revolucionário. Em março de 1793 viaja para Paris em uma missão oficial pelo governo francês, posteriormente, *Mainz* foi retomada pelas tropas prussianas e ele foi proibido pelo governo alemão de voltar a *Mainz*. Neste tempo Georg ficou em Paris, pois foi ameaçado de morte se voltasse para a Alemanha. Neste curto espaço de tempo, em Paris, viveu uma vida solitária e, em 10 de janeiro de 1794 aos 39 anos de idade Georg morre nesta cidade.

Sobre suas obras alguns autores tem afirmado, inclusive entre eles Bodi (1966) que seus livros e ensaios cobrem um amplo conhecimento como: botânica, geografia, etnografia, literatura, filosofia e politica e seus escritos são dotados de um espirito humanista de mente aberta do classicismo alemão. Ele e seu pai foram fundamentais para transmitir aos seus compatriotas o novo e crescente conhecimento adquiridos pelas viagens e descobertas. O autor citado ainda afirma que Georg tinha planejado escrever uma obra enciclopédica sobre os Mares do Sul, mas a constante pressão financeira que teve em sua vida o obrigou a concentrar suas energias em obras e traduções menores, tendo em vista o tempo e os recursos que levavam para desempenhar um trabalho que culminasse em uma obra dessa magnitude.

3 - A contribuição desses geógrafos à formação da geografia moderna

No item anterior, abordamos as duas escolas de pensamento geográfico que vigorou no período em que estamos trabalhando: a Político-Estatística e, a de Geografia Pura, ou *Reine* Geografia. Todavia, estando completamente a parte dessas duas escolas está o trabalho dos dois Forsters. Notamos pela descrição acima feita, de aspectos de suas vidas e obras, que o Forster pai, tendo como alicerce de sua construção científica a essência iluminista foi um pastor protestante, cientista, explorador, etnólogo, tradutor e professor. Em termos de pesquisas, sua contribuição abarca várias áreas do conhecimento, entretanto, direcionado para a geografia especificamente, seu legado consiste em ser um dos primeiros e também principal sistematizador da Geografia Moderna. De acordo com Tatham (1959, p. 2014):

Forster considerava a geografia do ponto de vista prático. Despertava-se-lhe o interesse apenas pelo contacto direto com uma variedade de naturezas em diversas parte da terra, e a sua contribuição é o método adotado por êle no tratamento dos dados arrecadados. Dotado de acurados dotes de observação, assim como científica tendência de espírito, colecionava fatos, comparava-os e classificava-os, e extraia dessa classificação generalidades para as quais procurava, então, a explicação da causa. O tratamento sistemático da matéria é sobejamente demonstrado na classificação de suas observações nos Mares do Sul. Foram publicados sob seis títulos, Terras e Países, Água e Oceano, Atmosfera, Variações do Globo, Corpos Orgânicos (animais e plantas), e o Homem.

Para Moreira (2009 p.14): “ O ponto seminal da geografia moderna é a obra do geógrafo J. R. Forster e do filósofo Immanuel Kant, pontos de convergência do Iluminismo na geografia, antecedidos pelos geógrafos da primeira metade do século XVII. Forster e Kant são os sistematizadores da geografia moderna, essencialmente iluminista - Forster no plano teórico - metodológico e Kant no plano epistemológico”.

Notamos por esse excerto que Forster vai ter - em termos de conhecimento destinados à geografia - a mesma importância que Kant, todavia o direcionamento de suas pesquisas, como vimos acima estão voltados para a exploração e para a observação e descrição daquilo que estava ao seu redor durante suas viagens de exploração e, ambos tem em suas práticas a herança intelectual dos geógrafos que os antecederam na primeira metade do século XVIII. A propósito, Moreira (2009, p. 14) continua, afirmando que:

É Forster, geógrafo de formação, o estuário em que deságua a geografia dos antecedentes. Da Antiguidade clássica chega-lhe o discurso da geografia como o estudo das relações sistemáticas que descrevem a paisagem, e que, orientadas por esta, se localizam e se sintetizam para formar o fenômeno regional, de Estrabão (63 a.C. – 63 d.C). E o discurso de um todo planetário que se expressa como uma construção matemática e pronta para versar-se em linguagem cartográfica, de Ptolomeu. Já do renascimento vem a atualização da geografia estraboniana para o novo tempo e o ambiente que então se abre, adquirindo a duplicidade do método que distingue a geografia sistemática e a geografia regional, chamada de geografia especial, transfigurada no olhar da teoria unitária que explica o mundo como um jogo de escala, de Varenius. Chega-lhe ainda a retomada de Ptolomeu para a contemporaneidade da teoria heliocêntrica de Copérnico – o modelo matemático ganhando aqui a precisão da cosmografia copernicana - , de Cluverius. Forster vai abraçar o sentido sistemático-regional dessa geografia do passado, atualizando-a para os parâmetros científicos e filosóficos do século XVIII, pelo lado da face prático-empírica.

Através de nossos estudos, temos notado que os Forsters - embora sejam chamados de precursores da geografia e, portanto de geógrafos descritivos - trazem em seus relatos detalhados, uma observação holística acurada da natureza. Tendo também como base forte de suas pesquisas o empirismo, pois devido as suas viagens, tinham contato direto com diversas naturezas ao redor do mundo, não deixam de abordar em seus trabalhos e obras, uma sistematização por eles adotada para tratar os dados colhidos. O ato de observar, comparar, classificar generalidades e procurar a explicação da causa, demonstra a grande preocupação que tinha - principalmente o pai - com o método. E isso o coloca não como apenas como um geógrafo descritivo, mas sim com um pesquisador dotado não apenas de meios empíricos, mas preocupado em fazer um trabalho que posteriormente vão chamar de ciência geográfica moderna.

É bem verdade que naquele momento a falta de uma discussão conceitual para explicar a realidade objetiva do ponto de vista geográfico é insuficiente, todavia o método científico moderno já estava ali presente. Este, por sua vez é inovador para a época e serviu posteriormente de inspiração para os sucessores da geografia moderna, sendo este método base para toda a pesquisa do seu filho Johann Georg Forster. Portanto: “Caberá a Forster estabelecer a primeira grande arrumação sistemática sofrida pela geografia moderna em sua formação, no campo teórico-metodológico” (MOREIRA, 2009, p. 15). Além da preocupação e do cuidado que tinha com o método científico:

[...] o trabalho de Forster é extraordinário pela sua contribuição à geografia humana. Reconheceu o estreito laço entre o homem e o meio e, embora não fosse o primeiro a fazê-lo, foi um dos primeiros que tentou explicá-lo, procurando uma solução do tipo mecânico. Particularmente, chamou a atenção para a mobilidade dos povos e a frequente necessidade de procurar a explanação de suas características físicas e culturais, com referência ao meio primitivo. Suas descrições das ilhas dos Mares do Sul contém a análise do povoamento, da densidade de população, e a relação entre a densidade e os recursos do meio, fato que ordenou o respeito dos geógrafos, chegando mesmo até Ratzel (TATHAM, 1959, p. 204).

Nota-se que as bases dos estudos da Geografia humana, já aparecem nos estudos de Forster pai, e que os seus estudos vão contribuir para a obra intitulada: Antropogeografia de Ratzel e, também percebemos que as ideias bases do conceito Ratzeliano de espaço vital - relação entre densidade e os recursos do meio - já estavam presentes em Forster. Diante disto e como afirma Quaini (1992), os filósofos iluministas franceses do século XVIII, a exemplo de Montesquieu, Voltaire, Rousseau e outros mais tiveram papel essencial nas origens da geografia humana, quando na elaboração de uma ciência do homem, englobam etnologia, sociologia e geografia, esta última, no século XVIII fez muito mais do que apenas colecionar fatos e observações, como temos visto no caso dos geógrafos aqui estudados. Os geógrafos do século XVIII, muitos sob a influência iluminista, viajaram e exploraram em termos científicos os lugares da terra e, também observaram, descreveram, compararam, constituindo com isso um método científico, todavia, não deixaram de prestar atenção em problemas essenciais da relação homem meio como: migrações, gêneros de vida, distribuição da população, igualmente discutiram o princípio do determinismo geográfico, isto é quando a natureza tem uma forte influência sobre o homem, e daí prepararam as ações futuras para a geografia que estava por vir.

Assim, referindo-se a importância do uso do método científico já realizado por Forster, Tatham (1959, 204) afirma: “Os tratadistas da metodologia pagaram tributo às qualidades do trabalho de Forster. Plewe⁵ chama-o ‘o primeiro grande metodologista alemão, geógrafo na concepção moderna’. Pechel descreve-o ‘o primeiro viajante que fez um levantamento físico das partes do mundo vistas por êle, e o primeiro a desempenhar a mais alta função de geógrafo, a da comparação científica’.

Outro detalhe importante na obra do Forster pai, está ligado ao objeto de estudo da geografia com o qual, em seus estudos, ele trabalhava. Em sua perspectiva a geografia era o estudo da superfície terrestre. Na atualidade, quando estudamos sobre o objeto de estudo da geografia, conforme nos esclarece Moraes (1993), em termos científicos, há controvérsias sobre a matéria tratada pela geografia, e evidentemente isto se manifesta ou tinha se manifestado justamente na indefinição do objeto de estudo da mesma, ou nas múltiplas definições de objeto pela qual a geografia se debruçou, sendo: A geografia como sendo o estudo da superfície terrestre; da paisagem; da individualidade dos lugares; diferenciação de áreas e, por fim como o estudo do espaço e mais precisamente sobre a relação do homem com o espaço geográfico.

Nessa perspectiva, a definição do objeto geográfico para Forster tinha apoio no significado da própria palavra geografia - descrição da terra - . Para tanto, caberia a geografia ser uma espécie de síntese de todas as ciências e aos estudos geográficos descrever todos os fenômenos que se manifestavam na superfície do planeta. Para Moraes (1993, p. 14):

Esta concepção origina-se das formulações de Kant. Para este autor, haveria duas classes de ciências, as especulativas, apoiadas na razão, e as empíricas apoiadas na observação e nas sensações. Ao nível das segundas, haveria duas disciplinas de síntese, a Antropologia, síntese dos conhecimentos relativos ao homem, e a Geografia, síntese dos conhecimentos sobre a natureza. Desta forma, a tradição kantiana coloca a Geografia como uma ciência sintética (que trabalha com dados de todas as demais ciências), descritiva (que enumera os fenômenos abarcados) e que visa abranger uma visão de conjunto do planeta.

É bem verdade que os Forsters eram geógrafos descritivos, devido as circunstâncias do conhecimento que se fazia na época, todavia para Forster pai:

[...] a descrição das paisagens deve preparar, para a explicação, uma tarefa de evidenciar as relações atuantes entre os fenômenos e esclarecer sua natureza. A descrição culmina na explicação das relações, com atenção particular nas relações do homem com o meio. O que, para Forster, se deve fazer por intermédio de um método preciso e cuidadoso. Em sua sistemática, portanto, Forster estabelece como objeto da geografia o estudo da superfície da terra, e como seu método a comparação, do qual deriva a descrição e a explicação como

⁵ E. Plewe, Untersuchungen Uber den Begriff der “Vergleichenden” Erdkunde, G.F. *Erdkunde*, Berlim, 1932.

categorias analíticas das paisagens. E toma por abordagem do estudo da superfície terrestre o recortamento das paisagens, vendo cada grande paisagem como um recorte, e o conjunto dos recortes das paisagens como a origem da divisão da superfície terrestre numa diversidade de áreas, enfatizando a geografia como uma ciência corográfica. **Campo, objeto e método ficam assim estabelecidos**, a partir desta concepção da **geografia como uma ciência voltada para o estudo da superfície terrestre** e análise dessa superfície em termos de corografia (MOREIRA, 2009, p. 16). Grifos nossos.

Quando abordamos a contribuição de ambos para a geografia, torna-se muito difícil uma separação entre o trabalho do pai e do filho, tendo em vista que desde muito pequeno Georg Adam Forster acompanhou o seu pai e absorveu as informações e o conhecimento que ambos apreendiam. Tatham (1959, p. 204) diz: “Johann George, o filho, embora grandemente dotado, tem menor importância como inovador. Entretanto, durante a sua existência foi mais respeitado do que o pai. Isto, deve-se a uma personalidade mais acessível e, em parte, à sua eficiência literária, acrescida do fato de ter tido mérito devido à alta qualidade das Observações, obra do seu pai, que ele traduzira para o alemão, (1773)”. O mesmo autor salienta que esse destaque em termos de ser mais respeitado intelectualmente que o pai, está vinculado também a amizade que este possuía com Alexander Von Humboldt (1769 - 1859), o qual era grande conhecedor das obras de seu pai, mas que manteve amizade duradoura com o filho desde que o encontrou em *Göttingen* em 1789. Essa amizade entre ambos influenciou profundamente nos progressos dos estudos de Humboldt, tanto que este foi extremamente grato durante sua vida pelas contribuições de Forster filho ao seu trabalho.

Analisando apenas este trecho, temos a ligeira sensação de que Forster filho, viveu sua vida e teve seus trabalhos respeitados apenas porque traduziu uma das obras do pai, entretanto nossas leituras tem nos permitido *a priori*⁶ inferir que o desenvolvimento do método empregado pelo Forster pai, foi aprimorado pelo Forster filho. Assim Tatham (1959, p. 204) salienta que:

Em contraposição aos reiterados elogios a Johann George, Humboldt raramente mencionava Johann Reinhold, cuja obra conhecia bem e com o qual se correspondera. Isto naturalmente, tinha por base a maior fama gozada pelo filho na atualidade. É no entanto, apenas em relação a seu pai que a fama de George Forster parece exagerada. Sua contribuição foi notável, bem à parte da publicidade por ele dada às pesquisas de seu pai. Foi o ‘primeiro escritor a despertar o amor e a sensibilidade para a beleza da paisagem’ (Peschel, p. 493)⁷ e o seu sensível espírito descritivo estabeleceu os padrões seguidos por Humboldt. Em obra relativa à descrição da área da região do Baixo Reno (*Ansichten von Niederrhein*) ‘**deu fundamento mais sólido ao método empregado por seu pai e preparou o caminho para o desenvolvimento sistemático da geografia regional**’ (Plewe)⁸. Grifos nossos.

Dito isto a despeito da contribuição de ambos para a geografia, convém ressaltar que o nesse contexto do século XVIII, não há a dicotomia entre Geografia Física e Geografia Humana, o que prevalecia para aqueles estudiosos era a visão holística da realidade que os cercava, pois a natureza em sua complexidade é um todo organizado em harmonia, e o homem inserido nela é também o ser que faz parte dessa natureza e é também o ser capaz de compreender a sua situação enquanto ser atuante. Ruy Moreira (2009) tem dedicado em seus trabalhos ao entendimento desse contexto, e o define como o momento do holismo iluminista-romântico dos séculos XVIII-XIX, o qual tinha como paradigma uma realidade unificada. Este, por sua vez, ao longo do

⁶ Esta é uma informação que necessita de maior estudo e aprofundamento de nossa parte. No ato da escrita deste texto, o que podemos fazer é uma dedução desta informação, isto é, do aprimoramento do método. Inclusive a citação de Tatham (1959), quando se refere ao que diz Peschel e Plewe a respeito de Georg Forster aponta essa informação. Isso daria ao Forster filho o mérito em termos de aprimoramento do método científico da geografia moderna. Todavia, é uma informação que necessita de mais estudo a respeito.

⁷ Não consta no texto de Tatham (1959), uma referência clara a Peschel para esta citação. O que há na página 202 é apenas Peschel, *Geschichte der Erdkunde*.

⁸ Idem, 1932.

desenvolvimento da geografia vai sendo substituído pelas especializações que culmina na fragmentação em geografia humana e física.

Para finalizar cremos que mais uma vez, as palavras de Tatham (1959, p. 207) trazem informações de grande valia sobre os geógrafos do século XVIII, quando ele diz que:

Vista em conjunto, a obra dos geógrafos do fim do século dezoito é extraordinária. Os debates acadêmicos entre os políticos-estatísticos e os geógrafos puros aplainaram as barreiras do pensamento tradicional, abrindo o caminho para um progresso puro e sem obstáculos. Os Forsters demonstraram o método de pesquisa e estilo literário, enquanto Kant definiu claramente o ramo. Foram, deste modo, colocados os primeiros alicerces sobre os quais, no decorrer dos cinquenta anos subsequentes, elevou-se o edifício da geografia científica

Embora “a geografia segue sendo com Forster um saber caracterizado ainda por um forte recorte empirista. Campo, objeto e método estão definidos, mas falta-lhe o discurso de elaboração teórico-conceitual mais sistemático” (MOREIRA, 2009, p. 16). Com isso concordamos com o autor, todavia nossos trabalhos de pesquisa já tem nos permitido afirmar que os Forsters foram muito mais do que “precursores” ou que fundaram os “alicerces” da geografia moderna. Em nosso entendimento eles fazem parte, em conjunto com os demais geógrafos daquele período, dos fundadores da geografia moderna.

Considerações finais

A geografia, ao longo de sua história - desde antes de tornar-se uma ciência moderna - tem trilhado caminhos na busca do entendimento e explicação da realidade objetiva e da complexidade que cerca o mundo real. Todavia, as trilhas que levaram ao caminho geográfico, foram e tem sido sinuosas, pois envolvem a complexidade e a divergência de pensamentos e ideias, pois as investigações dos geógrafos do passado e atuais são atravessada por erros e acertos, dualidade que fazem parte da formação do conhecimento e que permitem a evolução científica. Esse empreendimento é que nos permite a compreensão do que é a geografia hoje.

Percebemos que não é possível uma compreensão da geografia moderna na contemporaneidade, sem não nos debruçarmos no entendimento do panorama inicial. Dito de outra maneira é necessário compreendermos a árvore do conhecimento geográfico, como um todo, começando pelas suas raízes.

O resgate da vida e da obra dos Forster, como muitos em sua época dedicados a entender o mundo que o cercava, e que tomamos como um dos pontos iniciais da geografia moderna mostrou-nos que há muito a buscar nessa empreitada, pois compreendemos que o resgate das ideias dos primeiros a pensar o percurso empreendido pela geografia tem nos mostrado que houve e que há debates e embate em torno dos princípios orientadores de sua base construtiva como ciência moderna. Em nosso caso, diante do que estamos estudando, se a geografia dos Forsters já possuía um objeto - o estudo da superfície terrestre - e um método, - o comparativo - eles devem igualmente ter o mérito de serem incluídos não nos precursores e sim naqueles que já praticavam a geografia moderna. Entretanto, nossa opinião cairá nos debates e embates que a pouco falávamos.

Verificamos que os Forsters e suas geografias têm sido sistematicamente estudados no meio acadêmico internacional, principalmente na Alemanha. A produção de ambos é rica e numerosa, mas de difícil acesso. Eles foram muito citados pelos geógrafos do início do século XX, cujas obras estão em alemão ou em inglês. Uma boa parte das bibliotecas brasileiras pesquisadas até o momento - essa afirmação é baseada no que temos visto até o presente⁹ - não possuem as obras resultantes das pesquisas deles, e o que vem sendo produzido sobre eles recentemente, ainda não estão disponíveis de forma acessível no Brasil. O que há, são poucos artigos sobre eles mesmos e outros abordando

⁹ Importante destacar que a afirmação feita nesse parágrafo é baseada nas buscas pelas obras feitas até o presente momento. Todavia, quiza, doravante, possamos encontrar entre os geógrafos brasileiros grandes estudiosos e pesquisadores da obra e do pensamento dos Forsters.

outros geógrafos e que os mencionam. Quiça nossas afirmações estejam erradas e em breve possamos descobrir outros que compartilham de nossos estudos.

Desta maneira, os meios eletrônicos tornaram-se os principais auxiliares na difícil tarefa de superar esses e outros obstáculos, pois grande parte dos artigos a respeito de ambos, estão em sites de bibliotecas internacionais. Um dos artigos mais citados neste ensaio - fonte primeira de nossas buscas - é o texto de Tatham do ano de 1959. A partir dele e de Moreira (2009), demos os primeiros passos em direção ao início da geografia praticada no século XVIII.

Este ensaio, não tem grandes pretensões, tem sim um objetivo *a priori* apresentar, brevemente, o que pudemos, em um curto tempo de pesquisa, que é a importância que os estudos dos Forsters tiveram para a geografia, igualmente temos a pretensão de retirá-los da condição de precursores e colocá-los de igual maneira na condição de sujeitos geógrafos formadores da geografia moderna.

Referências

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia ciência da sociedade**. Recife: Editora universitária da UFPE, 2006.

BODI, Leslie. Forster, Johann Georg Adam (1754-1794). In: **Australian Dictionary of Biography**. National Centre of Biography: Australian National University. 1966. Disponível em <<http://adb.anu.edu.au/biography/forster-johann-georg-adam-2056/text2553>, published first in hardcopy 1966>. Acesso em 10 de dez. 2014.

FORSTER, Johann Reinhold. **Observations made during a voyage round the world**. London: 1778. Disponível em: <http://www.biodiversitylibrary.org/item/106982#page/6/mode/1up>. Acesso em 1 de dez. 2014.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

IREDALE, Tom. Forster, Johann Reinhold (1729-1798). In: **Australian Dictionary of Biography**. National Centre of Biography: Australian National University. 1966. Disponível em: <http://adb.anu.edu.au/biography/forster-johann-reinhold-2057>. Acesso em 10 de dez. 2014.

KOHLHEPP, Gerd. Descobertas científicas da expedição de Alexander Von Humboldt na América Espanhola (1799-1804) sob o ponto de vista geográfico. In: **Revista de biologia e ciências da terra**. UEPB – EDUEP, vol.6, n.1, segundo semestre, 2006. Disponível em: <<http://eduep.uepb.edu.br/rbct/sumarios/pdf/humboldt.pdf>>. Acesso em 8 dez. 2014.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **A gênese da geografia moderna**. São Paulo: Hucitec, 1989.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro: as matrizes clássicas originais**. V.1. São Paulo: Contexto, 2008.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica**. São Paulo: Contexto, 2009.

QUAINI, Massimo. **A construção da geografia humana**. 2 ed. São Paulo, Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Introdução à geografia: geografia e ideologia**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

TATHAM, George. A geografia no século dezenove. **Boletim geográfico**, Rio de Janeiro, nº 150, ano XVII, 1959, p. 189-226.

THOMAS, Nicholas. Johann Reinhold Forster and his observations. In: FORSTER, Johann Reinhold. **Observations made during a voyage round the world**. Havai: University of Hawai. 1996. Disponível em:

<<http://books.google.com.br/books?id=Xvod6ICJxiUC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em 10 de dez. 2014. Edited by Nicholas Thomas, Harriet Guest and Michael Dettelbach.

TOPRAK, Metin; KÖSEOĞLU, Berna. Captain Cook's Voyage Around the World - The First Steps of Globalization and the First Problems, In: CUADRA-MONTIEL, Hector. **Globalization Approaches to Diversity**. Inthec, 2012.

Disponível em: <<http://www.intechopen.com/books/globalization-approaches-to-diversity/captain-cook-s-voyage-around-the-world-the-first-steps-of-globalization-and-the-first-problems>>. Acesso em 8 de dez. 2014.